

Lição 18 - O Tato, o Sentido Fundamental

TEXTO 435a11-435b25 - LIVRO III, CAPÍTULO XIII

O TATO, O SENTIDO FUNDAMENTAL

É claramente impossível que o corpo de um animal seja um elemento simples: quero dizer, que seja fogo ou ar. Pois nenhum outro sentido pode existir sem o tato, uma vez que todo corpo animado, como vimos, é tátil. Os órgãos dos sentidos, de fato, podem ser constituídos de outros elementos (exceto a terra), pois eles efetuam a sensação percebendo através de alguma outra coisa, i.e., através de um meio. Mas o tato ocorre pelo contato imediato com as coisas; é por isso que tem esse nome. Sem dúvida, outros sentidos também percebem por contato, mas através de algo mais; apenas o tato, ao que parece, percebe por si mesmo. Portanto, o corpo de um animal não será constituído de tais elementos; nem será terroso. Pois o tato é uma espécie de meio-termo entre todos os objetos tangíveis, e é receptivo, não apenas a todas as diferenças que caracterizam a terra, mas também ao calor e ao frio e a todas as outras qualidades tangíveis. É por isso que não sentimos com os ossos ou cabelos ou outras partes semelhantes — porque são terrosos. As plantas, também, não têm sensação, pela mesma razão — são de terra; e sem o tato não pode existir nenhum outro sentido; e este sentido não consiste nem de terra nem de qualquer outro [único] elemento. §§ 865-8

É evidente, então, que os animais devem perecer se forem privados apenas deste sentido. Pois não é possível que o que não é um animal possua este sentido, nem, para ser um animal, qualquer outro é necessário. E esta é novamente a razão pela qual nenhum outro objeto do sentido (e.g., cor, cheiro e som) destruirá o animal por intensidade excessiva, mas apenas a [correspondente] faculdade do sentido; — exceto incidentalmente, como quando, por exemplo, junto com um som, ocorrem um empurrão e um golpe; ou quando outras [coisas] são postas em movimento, por objetos vistos ou cheirados, que destroem por contato; e o sabor também, na medida em que também acontece de ser tangível, pode destruir assim. Mas um excesso de qualidades tangíveis, de calor ou frio ou dureza, destrói o próprio animal. Pois, assim como todo excesso em um objeto do sentido é destrutivo para o sentido, assim o tangível pode destruir o tato; e pelo tato a própria vida é definida. Pois foi mostrado que sem o tato nenhum animal pode existir. Portanto, um excesso no tangível destrói não apenas o sentido, mas todo o animal; pois apenas este único sentido é necessário aos animais. §§ 869-71

Como dissemos, o animal tem outros sentidos, não para o ser, mas para o bem-estar. Assim, [tem] a visão para que, [vivendo] no ar, na água, ou geralmente no que é transparente, possa ver. O paladar, tem-no por causa do prazeroso ou desprazeroso, para que perceba o que deseja no

alimento e seja movido em direção a ele. A audição, tem-na para que receba sinais, e uma língua para significar algo a outro. §§ 872-4

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO DEZOITO

§ 865. Após provar que o tato deve existir em todos os animais, o filósofo agora se propõe a mostrar que nenhum corpo animado pode ser constituído de um único elemento simples: de fogo, por exemplo, ou ar — como certos platônicos pensavam quando imaginavam animais feitos de ar. Ele argumenta isso a partir do fato de que todos os outros sentidos pressupõem o tato e que, portanto, como já disse, nenhum animal pode existir sem este sentido. Todo corpo que é tanto animado quanto sensitivo deve ser tal que possa sentir pelo toque. Ora, todos os elementos, exceto a terra, podem ser órgãos dos, ou o meio para, os outros sentidos: o ar e a água, por exemplo, são adaptados para a sensação à distância, que ocorre através de algo outro que o próprio corpo sensitivo, a saber, o meio. Mas o tato não envolve meio, ocorre pelo contato direto com seu objeto. É por isso que é assim denominado: é 'contato' por excelência, enquanto os outros sentidos percebem por uma espécie de contato, de fato, com seus objetos, mas através de um meio, não imediatamente. Apenas o tato percebe de e por si mesmo, e sem nenhum meio.

§ 866. Do que fica claro que o corpo animal deve ser, de e por si mesmo, capaz de tocar. Esta necessidade não se encontra no caso da visão ou audição; pois estes sentidos funcionam através de um meio extrínseco. É por isso que o corpo animal não pode ser feito de um único elemento qualquer — nem só de terra, pois a terra de qualquer modo não é sensitiva; nem de qualquer um daqueles outros elementos pressupostos pelos outros sentidos.

§ 867. A razão é que o órgão do tato deve ser equilibrado no meio-termo entre as várias qualidades tangíveis; caso contrário, não poderia receber suas impressões. Pois, como já vimos, o tato está em potência para estas qualidades. E isso é verdadeiro com respeito a todas as qualidades tangíveis, não apenas às da terra. Ora, os corpos simples não podem ser assim equilibrados no meio-termo; eles têm uma ou outra das qualidades opostas em grau extremo. Portanto, nenhum corpo simples, nem qualquer corpo que se aproxime da simplicidade, pode ter tato. É por isso que não sentimos com tais partes do nosso corpo como ossos e cabelos, e assim por diante, nas quais o elemento terra predomina tanto que não há equilíbrio das qualidades tangíveis que o sentido do tato requer.

§ 868. É pela mesma razão que as plantas carecem de sensibilidade. Elas contêm terra demais para o tato, e sem o tato nenhum outro sentido pode existir. Nenhum corpo simples, então, pode ser animado pela alma sensitiva.

§ 869. Em seguida, em 'É evidente, então', como conclusão do que foi dito, ele mostra como todos os sentidos se relacionam com os animais; primeiro o sentido do tato; depois, em 'Como dissemos, o animal', os outros sentidos. Primeiro, então, ele observa que, sendo o tato necessário para todos os animais, eles morreriam se fossem privados apenas dele. Ele é, de fato, conversível com a animalidade: apenas o animal tem tato, e todos os animais o têm.

§ 870. E ele prossegue dizendo que, enquanto o excesso no objeto dos outros sentidos pode destruir esses sentidos um por um (assim como o brilho excessivo cega e o ruído excessivo ensurdece), contudo, porque o animal pode sobreviver à perda desses sentidos, tal excesso em seus objetos só ameaça sua vida *indiretamente* — na medida em que, isto é, objetos *tangíveis* destrutivos entram em ação, como quando rajadas e golpes acompanham o ruído, como em trovoadas, por exemplo. Assim também, se coisas vistas põem a vida em risco, não é precisamente enquanto vistas, mas enquanto infectam o ar com algum veneno ou outro. Da mesma forma, odores podem afetar o ar. Similarmente, um sabor pode prejudicar um animal, não precisamente enquanto sabor, mas enquanto acompanhado por alguma qualidade tangível em excesso, por exemplo calor ou frio.

§ 871. Por outro lado, as qualidades tangíveis podem ameaçar *diretamente* a vida de um animal. Pois, assim como qualquer excesso no objeto sensível pode prejudicar o sentido correspondente, um excesso no objeto do tato pode destruir esse sentido; e é desse sentido que depende a vida do animal. Ele sobrevive apenas enquanto consegue sentir o tato. Somente esse sentido é estritamente necessário à vida animal; daí sua destruição implicar a morte de todo o animal.

§ 872. Então, em ‘Como dissemos, o animal’, ele relaciona os outros sentidos ao animal como um todo; eles pertencem, diz ele, à sua perfeição maior; não são necessidades absolutas. Assim, animais que vivem no ar ou na água têm visão para que possam ver coisas à distância através do ar ou da água — ou, de fato, através de qualquer meio transparente, incluindo os corpos celestes. Similarmente, os animais têm o sentido do tato para que possam encontrar prazer, ou seu contrário, em seu alimento; e assim, sentindo prazer ao comer, podem desejar comer e, portanto, buscar o alimento de que necessitam.

§ 873. Observe que aqui Aristóteles coloca o paladar entre os sentidos que não são estritamente necessários, embora anteriormente ele tenha dito que era necessário para os animais; mas então ele considerava o paladar como um tipo de tato — o tato da nutrição —, ao passo que agora o considera como uma discriminação entre os sabores que tornam o alimento agradável ou desagradável e, assim, mais facilmente ingerido ou rejeitado. E o mesmo se aplica ao sentido do olfato; sua função é atrair o animal para seu alimento à distância — embora, no homem, como explica Aristóteles no *De Sensu et Sensato*, o olfato tenha uma natureza e utilidade diferentes.

§ 874. O propósito da audição também é proporcionar comunicação entre os animais. É necessário que os animais transmitam suas experiências uns aos outros; pois eles ajudam uns aos outros a viver; como é especialmente evidente nos animais gregários, cujos filhotes são criados pelos pais. Daí também a língua ser necessária para que um animal possa comunicar, pelo som, seus sentimentos a outro.

Que isto baste, por ora, acerca da alma.

FIM